

INFORMAÇÃO COMO SUBSÍDIO PARA COMPOSIÇÃO MUSICAL¹

*Juliana da Silva Paiva**
*Joana Coeli Ribeiro Garcia***

Resumo

Aborda o papel da informação na composição musical, evidenciando sua aplicação como fonte nesse processo e como ocorre essa interação. Assim, objetiva analisar a informação como subsídio teórico para os professores que ministram a disciplina Composição Musical, do Curso de Bacharelado em Música, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para alcançar esse objetivo, optou-se por uma abordagem qualitativa, e como instrumento de pesquisa para a coleta de dados, a entrevista semi-estruturada. Entre os fatores analisados, o resultado foi positivo, no que tange ao processo imprescindível, harmonioso e interativo da informação como fonte para a composição musical, apesar de haver revelado, também, alguns obstáculos na busca dessa informação. Conclui-se que a informação é um componente essencial, visto como insumo de trabalho para os professores de Composição Musical, do Curso de Bacharelado em Música da UFPB. Ainda assim, existe um *déficit* de material informacional para atendimento das necessidades da área.

Palavras-chave: Informação para Composição Musical. Fontes de Informação para Composição Musical. Acesso e uso da informação. Barreira informacional.

1 INTRODUÇÃO

Informação e cultura. Informação e comunicação. Informação e conhecimento. Informação e ciência. Informação e tecnologia. Parece óbvio a relação de proximidade entre as áreas do conhecimento com a informação. Porém temos a tendência de pensar que para a criação artística conta-se com a intuição ou com uma vocação que, inatas, brotam em cada artista num determinado momento de sua vida, é assim que se vislumbra a respeito da pintura, da representação teatral e da composição musical. Mas isso corresponde à realidade? Será que o músico ao compor não toma como ponto de partida alguma informação ou conhecimento, parte de seu mundo interior, ainda que inconscientemente?

¹ Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

* Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. julypaiva@gmail.com

** Doutora em Ciência da Informação, Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Orientadora do TCC nacoeli@gmail.com

A associação entre a informação e a música despertou-nos curiosidades originando reflexões que se transformam no objeto da pesquisa. Por outro lado o desconhecimento de estudos considerando essa junção foi outro elemento favorável para desbravar uma bibliografia que pudesse servir de elemento para a consecução do objetivo inicial. O percurso, as buscas em monografias, teses, dissertações e artigos de periódicos impressos ou em meio eletrônico nos fez perceber quanto a literatura, nessa temática, é escassa.

A comunicação entre internautas, freqüentadores da *web*, reforça a idéia. No *blog Biblioteconomia Musical* identificamos várias pessoas solicitando material envolvendo os temas em questão, tendo em vista que o material bibliográfico praticamente inexistente e esses indivíduos gostariam de também realizar um trabalho que unisse a Biblioteconomia com a música. A deficiência de bibliografia, é como dissemos, mais uma motivação e justificativa para realizar o estudo, dar um primeiro passo. Essas dificuldades reforçaram a necessidade de investigar, coadunando a informação com a música, e como forma mais ampliada de comprometimento, comunicar a realização da pesquisa, na perspectiva anteriormente referida, aos participantes do *blog*.

A problemática apontou os seguintes questionamentos: Qual a concepção de informação para os professores de Composição Musical? Para desenvolver uma composição musical necessita-se de informação? Onde essa informação é encontrada? Como os professores acessam essas informações? Que interveniências encontram no acesso e uso das informações?

Tendo em vista os questionamentos, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar a informação como subsídio teórico para os professores da disciplina Composição Musical, do Curso de Bacharelado em Música da UFPB. E para isso, delimitamos estes objetivos específicos: Investigar como os professores dessa disciplina concebem a informação; Identificar como se processam o acesso e o uso de fontes de informação e caracterizar os fatores intervenientes ao acesso e ao uso da informação por parte desses professores.

São questões analisadas e refletidas no cotidiano informacional destes profissionais, partindo do pressuposto de que o alcance de todo estudo requer aporte informacional. E assim, saber qual e onde encontrar a informação desejada, discernir as barreiras entrepostas para o acesso, conseguir desvencilhá-las para que o fluxo informacional chegue a ação para concretização da intenção inicial como etapas fundamentais para responder os questionamentos propostos na pesquisa.

Este texto além de apresentar os resultados da pesquisa é também uma resposta aos freqüentadores do *blog* anteriormente referido. Mas não somente. Também é um indício para novas pesquisas, podendo se registrar aí sua importância, a de envolver duas áreas do conhecimento com naturezas diferenciadas, e descortinar a necessidade informacional para a arte, desmistificando a idéia de que a composição musical (ao menos no caso desse estudo) seja tão somente vocacional, intuitiva, genética.

2 INFORMAÇÃO

Conceituar informação é algo complexo. A palavra informação, por si só, revela um significado bem comum no uso cotidiano do homem, ou seja, em toda ação humana há necessidade de se informar, porquanto isso é fundamental para o desempenho

profissional e social. Isso significa que a informação é essencial e imprescindível para o ser humano, principalmente, no mundo globalizado que caracteriza a sociedade da informação e do conhecimento.

Em seu significado dicionarizado “Informação 1. Ato ou efeito de informar(-se); informe. 2. Dados acerca de alguém ou de algo. 3. Conhecimento, participação. 4 Comunicação ou notícia trazida ao conhecimento de uma pessoa ou do público. ... ”. (FERREIRA, 2000, p.765). Por ela já se pode identificar a variedade de definições que o verbete assume.

Ao abordar o estudo referente à informação, Machado (2003) comenta a existência de aproximadamente quinhentas definições encontradas na literatura científica, formulada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, com culturas diferentes, o que favorece o surgimento de interpretações equivocadas acerca do significado de informação. É o que também afirma Capurro (2007, p. 160) “Atualmente quase toda disciplina científica usa o conceito da informação dentro de seu próprio contexto e com relação a fenômenos específicos”. Nesse contexto, Machado (2003) percebe que o seu conceito ainda não está totalmente definido e consensual.

Isto porque a informação faz parte do cotidiano humano. Ouve-se, escuta-se, transmite-se e troca-se informação o tempo todo. Portanto o fluxo informacional criou dimensões surpreendentes, que se propagou na sociedade atual com o advento das tecnologias de telecomunicação e, conseqüentemente, determinou a chamada sociedade da informação e do conhecimento. Confere-se, então, que a sociedade da informação está presente em qualquer parte do mundo, pois se vive a globalização da informação.

De forma empírica, podemos dizer que, ao fazer uma pergunta, estamos pedindo uma informação; quando assistimos à televisão, ouvimos o rádio e/ou lemos jornais e revistas, estamos absorvendo informação; quando movimentamos a conta bancária em um terminal eletrônico, estamos lidando com informação (GONÇALVES, 2005, p.22).

Para Brookes (1980) o conceito de informação oferece dificuldades peculiares para a teoria científica, contudo no nível do senso comum pode-se dizer que, informação é um elemento que perpassa todas as atividades humanas. Embora existam dificuldades em observar o fenômeno isoladamente e com detalhamento que a pesquisa científica tradicionalmente demanda, cada processo de descrição sobre a observação de alguém de algum fenômeno é em si mesmo uma atividade de informação. Dito dessa maneira, a atividade de informação é pesquisa e por via de conseqüência gera conhecimento. Essa é a base para formulação da teoria que ele explicita na seguinte fórmula $K[S] + \Delta I = K[S + \Delta S]$ na qual de maneira geral uma estrutura de conhecimento $K[S]$ é mudada para nova estrutura modificada $K[S + \Delta I]$ pela informação ΔI , e ΔS indica os efeitos dessa modificação.

Mas para que a informação se transforme em conhecimento e se explicita em nova informação deve seguir algumas etapas que Choo (2003) denomina de ciclo do conhecimento. Tal ciclo inicia com as experiências, passando pela criação de significado, fase diretamente relacionada à captação de informação. Para dar seguimento ao fluxo interessa que essa informação ao ser identificada possa direcionar à interpretação para se

seguir a ação e a decisão. Se a informação consegue fazer sentido para alguém que a necessita ela torna-se passível de se amalgamar com o conhecimento existente e criar mais conhecimento, e chegar ao terceiro passo que seria a decisão. Possível de ser compreendido pela mudança de comportamento ao se orientar para o atendimento de objetivos. Porém, ainda é o autor citado quem nos adverte, a consciência da necessidade de informação é o que provoca todo o ciclo. Esta necessidade surge com os sentimentos de dúvida e intranqüilidade sobre a capacidade que cada um possui para retirar a ambigüidade da informação dando-lhe sentido e utilizando-a para atendimento do que fora anteriormente demandado.

Os conceitos apresentados revelam que a informação pode ser vista no sentido mais amplo possível e empregada nas mais diversas funções. No entanto, o conceito que adotamos é aquele em que a informação faz sentido para o usuário que conseqüentemente a usa como elemento de ampliação de seu conhecimento e que lhe é útil seja para decidir algo a sua volta, seja de suas relações cotidianas, seja de trabalho, ou para lhe desvendar novo conhecimento.

3 ACESSO À INFORMAÇÃO

O acesso à informação é necessário para defender o bem-estar e a progressão dos indivíduos e das sociedades. Segundo Levacov (1999, p.264), “o acesso local garante a posse da informação, o resultado concreto do investimento realizado”. A informação é fundamental para assegurar a participação cívica dos cidadãos, a qualidade dos recursos humanos, o desenvolvimento e a união social, em cada país e em nível mundial. A informação é, portanto, um bem público, essencial para a democracia e para o progresso.

Vemos ainda muitas dificuldades ao acesso à informação, apesar da evolução considerável quanto a sua disseminação por meio das tecnologias de informação e comunicação. Parece importante colocarmos que, nesse sentido, possuímos uma legislação sobre o acesso a informação, e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, título II e capítulo I – Dos direitos e deveres individuais e coletivos, também focaliza esse direito. Por meio da legislação sobre acesso a informação, identifica-se que:

Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalva das aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do estado (BRASIL, 2008).

Essa é uma idéia que pressupõe que a informação que alguém necessita pode ser acessada muito facilmente. Quando se trata de uma informação específica, as dificuldades, barreiras ou interveniências aparecem. Ainda que estejamos vivendo a sociedade da informação e do conhecimento, caracterizada pelo excesso de informações disponíveis e disponibilizadas, nem sempre é possível acessar a informação, ao menos da forma como seria desejável.

As disparidades entre indivíduos que “sabem mais” e os que “sabem menos” provocam geralmente uma concentração de poder nas mãos dos primeiros. Como citado

por Bulik (1999) podemos dizer que passamos a ter direito a informação. Um direito pelo menos em teoria a ser assegurado pelo estado. Por outro lado, o direito à informação ao mesmo tempo substitui e ultrapassa, pois visa e amplia o entendimento sobre a circulação dos fatos, do livre acesso as fontes de notícias, a liberdade de transmiti-las e recebê-las. Esse direito abrange, ao mesmo tempo, as necessidades das empresas, dos comunicadores e do público. O processo de inclusão social dos indivíduos que estão à margem das oportunidades e das escolhas se verifica por meio da conscientização política e cidadã da comunidade, seja em nível local, regional, nacional, ou até mesmo internacional, especificamente com relação à educação, ao acesso à informação e ao direito a cidadania.

Para que isso seja possível necessita-se, em primeiro lugar, que o próprio usuário reconheça a necessidade de informação, como anteriormente colocada por Choo (2003), para em seguida iniciar o processo de busca da informação.

É de suma importância que se entenda o processo de busca do usuário e seus hábitos informacionais, pois só desta maneira se sabe a carência de informação, compreendendo melhor o envolvimento que existe entre as pessoas e a busca da informação. O que leva uma pessoa a procurar informação? Na maioria das vezes em que essa pergunta é feita, a resposta é sempre a mesma: a necessidade de suprir a falta de um conhecimento necessário para resolver um problema ou realizar uma determinada tarefa (FERREIRA, 2005, p.35).

No momento em que a necessidade do usuário é atendida, depreende-se que ele localizou a informação desejada. Passa então a fazer uso da informação recuperada. O uso pode estar relacionado ao atendimento de uma necessidade básica; ou são informações buscadas para desempenhar suas necessidades perante o grupo do qual faz parte (no trabalho, por exemplo) e também aquelas que atendem à auto-realização, que servem para o alcance do sucesso profissional e/ou pessoal.

4 BARREIRAS INFORMACIONAIS

Quando um usuário se depara com a fonte de informação relevante, que pode contribuir para solucionar um problema, ele percebe que a barreira que impede o seu acesso à informação diminui. Por isso, devemos ressaltar a importância dos profissionais da informação para afastarem as barreiras que porventura possam existir entre usuário, busca e informação. Vejamos então as barreiras existentes e suas respectivas explicações.

Bittencourt (2006), em seu trabalho sobre inteligência computacional, trata da representação da incerteza. Ele refere que há uma variação de imperfeições da informação, que vai da certeza ou da informação perfeita até a desinformação, passando pela incerteza. No intervalo entre uma e outra, o autor, baseado nas respostas possíveis para uma simples pergunta, como por exemplo, saber a que horas começa determinado filme, apresenta e exemplifica as informações que se podem adquirir, classificando-as em perfeitas, quando descobrimos precisamente o que queremos saber, e completamente imperfeitas, seja pela total falta de informações ou por informações completamente

conflitantes. No intervalo entre uma e outra, podemos ter a informação perfeita, imprecisa, incerta, vaga, probabilística, possibilista, inconsciente, incompleta até se chegar à ignorância total.

5 MATERIALIDADE DA INFORMAÇÃO

Seguindo o pensamento de Bueno (2008), em se tratando de fontes de informação, podemos considerar dois tipos: as fontes formais e as informais. As formais procuram uma maior atenção, tempo e desgaste intelectual. A literatura confirma que as fontes informais podem ser constituídas por colégios invisíveis, conceituados como grupos cujos membros mantêm contato assíduo, utilizando comunicações rápidas e que exigem menos esforço. Porém uma não anula a outra, porquanto ambas estão interligadas na construção do conhecimento.

As fontes de informação surgem nas unidades de informação elas são classificadas como primárias: termo genérico que se refere a qualquer motivo que possa servir como estudo; secundárias: sumariza uma ou várias fontes primárias, sendo produzidas por acadêmicos e veiculadas em publicações científicas e por último as fontes terciárias: sumarizando as fontes secundárias (PINHEIRO, 2008).

6 INFORMAÇÃO E ENSINO DE MÚSICA

O ensino está diretamente enlaçado à informação, e não podemos nos esquecer da educação. Esse trinômio mal compreendido, cada vez menos valorizado, é imprescindivelmente crucial para nos ajustarmos ao mundo exterior, de forma legítima e coerente, conquistando o status de cidadão, rumo a uma pátria menos indiferente, mais humana e mais informada. “A informação está contida, no bojo do processo educacional, como um direito social previsto no artigo cinco, inciso XIV da carta magna, que diz: é assegurado a todos o acesso à informação [...]” (TARGINO 2006, p.71).

Targino (2006) também afirma que, com a ausência mental sobre o grau de importância das unidades, centros de informação e bibliotecas, especificamente no Brasil, os bibliotecários vêm sofrendo um caminho longo e árduo, com o intuito de contribuir para que todos os brasileiros sejam colocados no exercício da cidadania e tenham uma participação devida na vida real do país, através do acesso à informação. Relembramos que a informação é poder político, econômico e social, e a biblioteca, como centro de informação, deveria ser essencial ao processo desenvolvimentista do Brasil. Mas, ao inverso do que acontece em relação à escola e aos meios de comunicação, a biblioteca continua sendo visualizada como força diminuta.

7 METODOLOGIA

Minayo (1999, p.16) afirma que a metodologia é o “caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade”. É o percurso a ser seguido com rigor para a produção do conhecimento científico, entendido como aquele que procura saber o porquê dos fenômenos.

Para a análise das informações recolhidas, foi empregada a abordagem qualitativa, por se preocupar com um nível da realidade que não pode ser quantificado. Assim, trabalha-se com crenças, valores, atitudes, motivos e aspirações, o que corresponde a um espaço das relações que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis quantificadas. A abordagem qualitativa aprofunda o mundo das relações humanas. É a proposição de que os conhecimentos construídos pelos sujeitos em suas interações provocam e proporcionam o fundamento de suas ações. A idéia ou a fala de um sujeito sobre uma ação é essencial, e por outro lado não se considera quantas vezes ela aparece ou é repetida na fala de outras pessoas (ALMEIDA, 2005).

Esse tipo de pesquisa é uma atividade que envolve meios para responder a indagações sobre determinado aspecto de uma realidade. Gonçalves (2005) considera que os significados que os outros dão as suas práticas, preocupando-se com a interpretação e a compreensão do fenômeno, deve sempre ter o ponto de vista de uma abordagem hermenêutica, isto é, interpretativa, o que favorece e facilita o entendimento do fenômeno em estudo.

Os sujeitos da pesquisa são os dois únicos professores que ministram a disciplina Composição Musical, no Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba. Suas falas aparecem destacadas em itálico, em fonte menor que a utilizada no texto, e para preservar suas identidades utilizamos as indicações P1 e P2, para o primeiro e para o segundo professor, respectivamente.

8 A INFORMAÇÃO COMO SUBSÍDIO PARA A COMPOSIÇÃO MUSICAL

A informação não é algo simples de ser buscada, encontrada e recuperada. Quando é solicitada, é necessário conhecer o máximo sobre as necessidades do usuário, para que se possa entender sua demanda e atendê-la da melhor maneira possível. A esse respeito, temos o seguinte pronunciamento:

Para compor uma música, você tem que utilizar informação, não é tudo inspiração, você utiliza técnicas, e técnica pressupõe informação. Enquanto professor, a demanda exigida da universidade me impulsiona eu não dou aula só de composição, dou aula de contraponto-tonal, aula de análise, aula na pós-graduação, então dependendo da necessidade a gente corre atrás da informação para atender a necessidade didática do alunado. Mas a composição em si, ela já é uma busca pela informação, você não sai compondo sem ter uma informação prévia (P1).

As informações existem para serem disseminadas, colocadas à disposição dos usuários ou dos clientes que vêm em busca de soluções ou de suas necessidades informacionais, como expressa a fala seguinte:

Compor é como escrever um livro. Quando eu estou compondo, eu tenho, pelo menos, umas 28 peças a minha volta. Ainda existem coisas que não se consegue na internet, amigos que estão no exterior me mandam textos, eu dependo também deles para poder me atualizar (P2).

Por isso, o professor identificado como P1, se pergunta: Por que não utilizar a informação? Enquanto o professor P2 revela os materiais que compõem sua biblioteca, portanto as informações que ele utiliza no momento da Composição Musical.

No trabalho composicional possuo um estúdio particular, há uma biblioteca, porém os livros não são catalogados, são raros, tenho livros e textos que não são encontrados na internet, então a gente precisa de textos, não só os livros, mas as gravações são importantes (P2).

As falas dos professores nos levam ao entendimento de que para desenvolver qualquer conhecimento deve-se partir da informação, confirmando o conceito que utilizamos para informação: *input* que ao fazer sentido para o usuário e ser por ele utilizado transforma-se em novo conhecimento, ou em outras palavras modifica seu estoque anterior, ampliando-o ou alterando-o.

8.1 Concepção de informação

Analisando as falas dos dois sujeitos da pesquisa, e relacionando-as aos objetivos pré-estabelecidos, no primeiro momento, temos o requisito da concepção da informação. É óbvio que eles usam-na, e se expressam, ou a conceituam das formas seguintes:

Se você não tem fonte, você não possui informação. As fontes são os livros publicados, as partituras, as gravações e a internet, que facilitou a democratização da informação sobre o acesso à informação (P1).

Na verdade, a busca da informação é que move a humanidade. Pode ser a leitura de um livro, o contato com a teoria da física, algo da matemática, algo da natureza, algo que acontece na cultura, manifestações culturais (P2).

Como vimos ambos os entrevistados colocaram a informação em sua realidade e, dentro dessa lógica, confirmam o que Capurro (2007) fala a respeito de que toda disciplina científica usa o conceito de informação tanto em seu próprio contexto quanto em relação a fenômenos específicos. O professor denominado P2 vai além da contextualização, na área da Composição Musical ao afirmar que a “informação move a humanidade” ele extrapola as fontes formais, levando a informação a fazer parte do cotidiano humano, entendendo que as pessoas ouvem, escutam, transmitem e trocam informação o tempo todo.

8.2 Fonte de informação para a composição musical

De acordo com Pinheiro (2008), anteriormente citada, em se tratando de fontes de informação, podemos considerar os tipos indicados: primários, secundários e terciários.

Na área de Composição, o que é fonte de informação são os livros específicos de teoria musical, são as partituras dos compositores e as gravações que quando você não tem a partitura, a gravação ajuda e é também uma fonte de informação (P1).

Portanto, a fonte a que se refere o entrevistado P1 estaria localizada dentre as fontes primárias. Na fala que classificamos como acesso à informação, o mesmo professor refere-se a “infinitas fontes” o que nos conduz a interpretá-la como perpassando tanto as fontes secundárias, quanto terciárias, pela amplitude que ele oferece ao seu discurso. Jannuzzi (2001, p.9) afirma que “as unidades de informação são de suma importância para toda instituição que quer e tem perspectiva de crescimento”. Uma pessoa que tem uma atitude indicativa irá buscar informações que levem à conclusão da pesquisa ou à ação, enquanto um usuário que tem espírito investigativo irá explorar muito mais fontes para que possa suprir o seu desejo informacional.

8.3 Acesso à informação

Quanto ao acesso o primeiro professor explicita-o da seguinte maneira:

Dependendo do assunto, tem infinitas fontes, como no caso se for buscar por harmonia tonal, possui bastantes assuntos que são muitos escassos, trabalha-se com que o aluno tem, ou quando vou ao Rio de Janeiro ou a São Paulo faço cópias de material para me atualizar e passar aos alunos (P1).

No Brasil, a falta de oportunidade de acesso à informação prejudica o processo de atualização. Outros países, como Austrália, Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Japão, Áustria, Bélgica, entre outros desenvolvidos, têm uma estrutura mais democrática de acesso aos meios de comunicação; em outra ponta, no que concerne à distribuição da informação, há países, notadamente de nações africanas, asiáticas, oceânicas e latinas, que sofrem com a falta de acesso, comparando-se a países desenvolvidos. Para Levacov (1999), a posse da informação, o resultado concreto do investimento realizado, só é garantido com o acesso, que de preferência deve ser local, ou seja, onde a busca se realiza.

8.4 Uso da informação acessada

Existe uma relação inversamente proporcional entre oferta e demanda da informação, ou melhor, entre a necessidade e o estoque da informação para o suprimento e atendimento das demandas. Essa é uma posição revelada pelo primeiro entrevistado:

Quando eu vou ao Rio ou vou a São Paulo, o primeiro lugar que vou é a biblioteca, ver o que saiu de novo, me atualizar. Dependendo da informação, se eu achei algo interessante e se encaixa numa justificativa, eu utilizo, porém, se eu leio e acho a ideia interessante, vou usar numa perspectiva futura, que pode ser, ou que se torne uma composição, por exemplo. Então depende (P1).

A informação é usada como um efeito de satisfação. Concorde-se que, para utilizá-la, é preciso que ela seja conhecida e que se encontre disponível. Assim sendo um item necessário é a disponibilidade para que o uso da informação se efetive.

No processo composicional, toda e qualquer informação ela vai sendo juntada.

Às vezes, a gente encontra uma informação sem querer e, naquele momento, a gente não precisa, então guardo para utilizar depois, faço uma catalogação particular. Informação é tudo, ela é o motor, é a matriz, é o que move o homem. Só se é homem, em termos de humano, por conta da informação. Ser professor exige essa busca pela informação (P2).

Os dois pesquisados demonstram a mesma ideia sobre o uso da informação. Um grupo menor, que busca a informação de forma seletiva, com o objetivo de suprir as necessidades de autorrealização, e que requer uma procura consciente de informação, reconhece seu valor e a exige como peça imprescindível para a realização de atividades cotidianas, visando alcançar o sucesso pessoal e profissional.

8.5 Interveniências no uso da informação

Considerando as barreiras, que tanto podem ser positivas como negativas, e partindo dessa premissa, será necessário utilizar algumas ações de interveniências para que o usuário possa fazer uso da informação da melhor forma possível.

Durante o período da entrevista, percebemos como os participantes da pesquisa são veementes quando falam da importância da informação. Vejamos a proposição seguinte:

Informação é tudo, ela é o motor, é a matriz, é o que move o homem. Só é homem em termos de humano, por conta da informação. Ser professor exige essa busca pela informação (P2).

Aqui, temos, em evidência, uma intervenção positiva, pois o respondente ressalta a importância da informação que é, para o ser humano, a força motriz de seu desempenho.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa, delimitado inicialmente, foi unir a Biblioteconomia à música, mais especificamente, penetrar no campo da composição musical, questionando o uso da informação como subsídio para a elaboração da música. Nesse caminho, em busca de maiores explicações para fundamentar este trabalho, tivemos a presença de dois pesquisadores que se tornaram partes importantes da pesquisa e que contribuíram para o atendimento do nosso objetivo macro. Portanto, para que fosse possível demonstrar o elo existente entre a informação e a Composição Musical. Em que por um lado a Biblioteconomia afere os mecanismos necessários para que a informação esteja disponibilizada de forma consistente ao usuário, e no outro, a Composição Musical com seus componentes imprescindíveis a validação da pesquisa, o aporte teórico e os dados coletados.

A partir desses elementos, alcançamos o objetivo proposto e respondemos aos questionamentos que possibilitaram o direcionamento desta pesquisa. Assim, para compor uma música, é necessário recorrer às informações, estejam elas nos livros, no meio eletrônico, na natureza ou em outras fontes. No processo de composição musical, ela é imprescindível para ser utilizada como insumo. Cada pessoa contextualiza a

informação na realidade em que está inserida, e não seria diferente com os compositores. A informação é encontrada nas fontes formais - primárias, secundárias ou terciárias - e nas informais - as fontes humanas, onde existe a troca de informações e o aprimoramento do conhecimento.

Os professores têm acesso à informação em casa, através da internet, e quando viajam, buscam, nas bibliotecas (unidades de informação), as informações pertinentes e atuais, e vão além das fontes formais, nos denominados colégios invisíveis, procurando, nas situações vivenciadas, aquelas que os impulsionarão às suas composições.

Quanto às interveniências, tivemos resultados positivos e negativos. As interveniências são positivas quando contribuem para a disseminação da informação, e negativas, quando há barreiras que impedem o acesso a ela. Como pudemos perceber, durante a investigação, constata-se que o acesso à informação é, não raras vezes, retardado por vários empecilhos.

Dentre tais empecilhos o excesso de informação, o tempo de acesso a ela e a falta de organização nas unidades de informação foram alguns dos indicados. Se por um lado o excesso prejudica a busca pela informação, por outro, a explosão informacional via *web* ao mesmo tempo possibilitou oportunidade de acesso à informação diminuindo e até mesmo retirando a barreira geográfica. Todavia, o grande fluxo de informação provoca um paradoxo, tendo em vista a questão da revocação, da quantidade e da inexistência de barreira geográfica e temporal.

Nas falas dos sujeitos, é possível notar que a biblioteca é de grande importância, porém, por diversas vezes, torna-se subutilizável, devido à falta de organização e de disseminação adequada para as informações. A biblioteca é o espaço permanentemente de expansão do conhecimento, da leitura, da informação e da pesquisa, por isso destacamos que ela não tem a função de preencher horários vagos e, muito menos, de ser depósito de livros. Por essa razão, é preciso redefinir o seu papel, para que se torne atuante e atraente. Todo indivíduo que se encaminha para uma biblioteca tem em mente uma necessidade a ser suprida, seja quando está à procura de informações para aprofundar um conhecimento, seja quando procura uma leitura para se entreter. Portanto, cada biblioteca deve compor um acervo de forma organizada e sistematizada, objetivando viabilizar o uso e suprir as demandas informacionais da comunidade de leitores à qual se destina.

Ao confrontar a teoria com a realidade, fica evidente que, no processo de composição musical, os sujeitos da pesquisa relatam e pressupõem que a informação se apresenta como insumo. Um deles declara que a informação é o que move a humanidade e que ser professor requer uma demanda constante pela informação.

Considerando os resultados obtidos nesta pesquisa, acreditamos que ela poderá suscitar novos estudos, porquanto aqui apresentamos, apenas, os primeiros passos em direção a outros processos investigativos relativos a esse tema.

No que diz respeito à literatura que trata desse assunto, ficou evidente que há, ainda, uma lacuna muito grande por preencher. No entanto, é possível mudar esse quadro. Sob nosso ponto de vista, é preciso desbravar o mundo da pesquisa e o universo das informações e transformá-las em conhecimento, como fazem os colaboradores deste

estudo, que transformam informação em emoção e esta em composição musical.

INFORMATION AS SUBSIDY FOR MUSICAL COMPOSITION

Abstract

Discusses the role of information in Musical Composition, spotlighting its application as a source in this process and how this interaction occurs. Thus, objectively analyze information as theoretical allowance for teachers providing Musical composition discipline on the Bachelor Course of Music, at the Universidade Federal da Paraíba (UFPB). To achieve this goal, is a qualitative approach, and as search tool for data collection, semi structured interview. Among the factors analyzed, the result was positive, with regard to process vital, harmonious and interactive information source for the musical composition, although there are revealed, also, some obstacles in seeking such information. It is concluded that the information is an essential component, seen as raw material for the Musical Composition teachers. Still, there is a deficit of informational material for addressing the needs of the area.

Keywords: Information for Musical Composition. Sources of Information for Musical Composition. Access and use of information. Informational barrier.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 59-80.

BITTENCOURT, Guilherme. **Inteligência computacional**. Disponível em: <<http://www.das.ufsc.br/gia/softcomp/node18.html>>. Acesso em: 24 mar. 2006.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Legislação brasileira sobre acesso a informação**. 1988. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/legislacao.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Part. I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, v.2, p. 125-133, 1980.

BUENO, Silvana Beatriz. Acesso e uso da informação em ambiente educacional: as fontes de informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.11, n. 1, p. 53-62, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt->

Biblionline, João Pessoa, v. 5, n. 1/2, 2009

BR&q=acesso+e+uso+da+informa%C3%A7%C3%A3o+no+ambiente+educacional%3A+As+f
ontes+de+informa%C3%A7%C3%A3o&btnG=Pesquisa+Google&meta=lr%3Dlang_pt>.
Acesso em: 14 fev. 2008.

BULIK, Linda. **Doutrinas da informação no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1999.

CAPURRO, Rafael. O conceito da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo horizonte, v.12, n.1, p. 148-207. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa, Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Patrícia de Freitas. **Uso da Informação no arquivo Sellinvest do Brasil.S.A (Vila Romana)**. João Pessoa: UFPB, 2005. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

GONÇALVES, Eveline Filgueiras. **Construção da informação cotidiana**: etnografia dos bastidores da redação do Jornal da Paraíba. 2003. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

JANNUZZI, Celeste Aida Sirotheau Corrêa. Estoques, oferta e uso da informação: reflexões sobre um recurso estratégico para o desenvolvimento do setor. **Revista Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 13-23, 2001. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/sti/indbrasopodesafios/trainformacao/art02CelesteAidaJannuzzi.pdf>. Acesso em: 20 fev.2008

LEVACOV, Marília. Bibliotecas Virtuais. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org). **Para navegar no século XXI**: tecnologia do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 1999. p.261-286.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico**: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: UNESP, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

Biblionline, João Pessoa, v. 5, n. 1/2, 2009

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. Disponível em: [HTTP://revista.ibict.br/abcib/index.php/abcib/article/viewFile/210/3](http://revista.ibict.br/abcib/index.php/abcib/article/viewFile/210/3) Acesso em; 13 de mar.de 2008.

TARGINO, Maria das Graças. **Biblioteconomia, informação e cidadania**: olhares e fragmentos: cotidiano da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Teresina: EDUFPI, 2006. Cap 6. p. 67-75.